



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - [enja.com.br/](http://enja.com.br/)



## **A notícia online sobre meio ambiente no estado de Mato Grosso: a escolha das fontes sob a perspectiva das teorias interacionista e estruturalista**

Ana Carolina de Araújo Silva<sup>1</sup>  
Eduardo Fernando Uliana Barboza<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo aponta alguns pressupostos para a escolha de fontes que embasam as notícias sobre meio ambiente sob a perspectiva de duas teorias da comunicação: a interacionista e a estruturalista. Ambas apresentam desafios do jornalista ao lidar com as rotinas de produção da notícia, que vão desde a escolha e pressões das fontes para a produção da matéria até as influências econômicas, políticas e culturais das empresas jornalísticas onde trabalham. Para discutir essa questão foi realizada pesquisa bibliográfica pertinente sobre o tema, além de pesquisa quantitativa e qualitativa em sites mato-grossenses de notícia. A principal conclusão é que as matérias tendem a apresentar o tema ambiental sob uma mesma perspectiva, sem a ampliação da discussão junto à população, privilegiando fontes oficiais e especialistas acadêmicos sobre os temas discutidos.

**Palavras-Chave:** Jornalismo online. Teoria interacionista. Teoria estruturalista. Mato Grosso. Fontes jornalísticas.

### **1. Introdução**

A informação ambiental compete o tempo todo com um grande volume de pautas sobre polícia, economia, política, celebridades, entretenimento e esportes que são noticiadas pelos veículos de comunicação. A concorrência acirrada pela atenção do leitor-internauta-espectador faz com que a maioria dos meios de comunicação veicule notícias com os mesmos assuntos em suas edições diárias, buscando, conseqüentemente, as mesmas fontes. As notícias acabam tomando perspectivas parecidas e a população tem acesso a reduzidos enfoques dos temas noticiados.

Quando o assunto é meio ambiente, a questão é ainda mais evidente. A maior parte das informações que obtemos sobre esse tema é proveniente da mídia. No entanto, devido às rotinas de

---

1 Ana Carolina de Araújo Silva é docente do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e doutoranda em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [anacolaraujosilva@gmail.com](mailto:anacolaraujosilva@gmail.com).

2 Eduardo Fernando Uliana Barboza é docente do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: [eduardofernandouliana@gmail.com](mailto:eduardofernandouliana@gmail.com).



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - [enja.com.br/](http://enja.com.br/)



produção da notícia, que inclui *deadline* apertado, número restrito de profissionais nas redações com especialização para abordar assuntos científicos e ambientais somado ao grande volume de pautas para serem produzidas e publicadas não resulta em matérias aprofundadas ou que ofereçam enfoques diferenciados.

Como consequência desse ciclo, os veículos de comunicação assumem um papel que se resume, muitas vezes, em emplacar como informação jornalística assuntos ambientais de forma superficial, legitimando o fato noticiado sem buscar a opinião de fontes não oficiais ou da própria sociedade (que muitas vezes está envolvida diretamente nos assuntos noticiados). Neste artigo, será discutido como a construção da notícia ambiental sob a perspectiva das teorias interacionista e estruturalista resultam nas notícias sobre meio ambiente veiculadas em sites do Estado de Mato Grosso, em especial no que toca à escolha das fontes para as entrevistas que embasam as matérias.

Os dados são provenientes do projeto de pesquisa “Jornalismo ambiental e as novas tecnologias da informação e comunicação no Estado de Mato Grosso”, desenvolvido por docentes e alunos pesquisadores do curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Alto Araguaia. A primeira fase da pesquisa consistiu no estudo da literatura pertinente sobre Jornalismo Ambiental e Jornalismo Online. Na fase posterior, o objetivo foi mapear a notícia ambiental online em quatro dos principais sites de notícias de Mato Grosso: Olhar Direto, Folha do Estado, Diário de Cuiabá e Gazeta Digital. Em quatro meses de pesquisa, foi realizado levantamento quantitativo das notícias sobre meio ambiente divulgadas pelos meios de comunicação elencados. Depois, por meio das técnicas da análise de conteúdo, os dados coletados foram categorizados e analisados.

A aplicação da pesquisa é pertinente a Mato Grosso, estado brasileiro que vive o dilema entre preservação ambiental e desenvolvimento agropecuário. Ao mesmo tempo em que é um dos maiores produtores nacionais de soja, milho, arroz, algodão, cana-de-açúcar e carne bovina, o estado possui 19 unidades de conservação federais, 42 estaduais e 44 municipais, além de 75 territórios indígenas.<sup>3</sup> O território total de 903.131,326 km<sup>2</sup> possui três diferentes biomas:

---

<sup>3</sup> INDICADORES de Desenvolvimento Sustentável. Secretaria de Estado de Meio Ambiente. Disponível em: <[http://www.sema.mt.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2435&Itemid=778](http://www.sema.mt.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2435&Itemid=778)>. Acesso em 27 mar. 2014.

Amazônia, que corresponde a 53,53% da área do estado; Cerrado, com 39,71% de território e o Pantanal, que ocupa 6,77% de Mato Grosso<sup>4</sup>.

Este artigo traz, especificamente, os resultados da análise preliminar de dados que dizem respeito às fontes entrevistadas para as notícias que foram mapeadas.

## 2. A notícia ambiental como fonte de informação

A notícia ambiental veiculada pelos meios de comunicação ainda influencia muito as discussões da sociedade sobre o tema. As informações sobre as questões ambientais obtidas pelos indivíduos são, na maioria das vezes, provenientes da mídia. No entanto, autores como Michael Frome, Wilson Bueno e Beatriz Dornelles defendem que cabe aos meios não apenas informar, mas também conscientizar, promover a mudança de hábitos, engajar a população para a preservação da vida no planeta.

Frome (2008) lembra que o jornalismo ambiental é diferente do que ele chama de jornalismo tradicional. Segundo o autor, o jornalismo ambiental

[...] É jogado segundo regras baseadas em uma consciência diferente daquela predominante na sociedade. Ele é mais do que uma forma de fazer reportagens e escrever, mas uma forma de viver, de olhar para o mundo e para si próprio. Ele começa com um conceito de serviço social, dá voz à luta e às demandas e se expressa com honestidade, credibilidade e finalidade. (FROME, 2008, p. 60).

Esse engajamento, “essa forma de viver” diferenciada, também é apontada em Bueno (2008) e Dornelles (2008). Beatriz Dornelles trata essencialmente sobre uma proposta de jornalismo ambiental pautado no fim da objetividade e da neutralidade.

Estou convencida de que precisamos adotar um novo estilo de jornalismo, especialmente para o acompanhamento das questões ambientais no âmbito da sociedade. Primeiro, porque precisamos pensar não só em manter a população informada sobre os acontecimentos, especialmente sobre a ação dos homens na natureza e seus efeitos, mas porque também precisamos educá-la para que, vivendo em democracia, possa se organizar e se mobilizar para exigir ações que levem em consideração o futuro de nossos filhos e netos e de toda nossa geração. (DORNELLES, 2008, p. 121).

---

4 MAPA de Biomas e Vegetação. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>>. Acesso em: 27 mar. 2014.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/

O objetivo desse novo estilo de jornalismo, segundo Dornelles, é justamente envolver a população no debate sobre as questões ambientais. “O que queremos dizer é que a pauta ambiental precisa fundamentalmente desempenhar uma função pedagógica, sistematizando conceitos, disseminando informações, conhecimentos e vivências, ou seja, dando condições para que o cidadão comum participe do debate” (DORNELLES, 2008, p. 122).

Esse posicionamento é ratificado por Bueno (2008, p. 112), que chama a atenção para as diversas organizações e grupos de interesse que procuram influenciar esse tipo de informação. Para lidar com esse jogo tão complicado, o autor defende que o trabalho de formação do jornalista ambiental deve começar nas escolas de jornalismo, para que esse profissional do futuro tenha um compromisso com a humanidade, um compromisso que se estende além da jornada de trabalho. “Consciente e capacitado, ele será militante sempre” (BUENO, 2008, p. 112).

Frome (2008) salienta que a este profissional não basta a competência e o domínio das técnicas jornalísticas. Para justificar tal posicionamento, ele cita T.H. Watkins, professor da Montana State University, que tem muitos anos de experiência em jornalismo e edição em assuntos ambientais.

Não tente entrar nesse campo a não ser que – e até que – você o sinta em sua carne. Ele não é como contabilidade, ou vendas, ou programação de computadores (apesar de eu achar que um bom contabilista, vendedor ou programador também tenha que ter empenho pessoal em alguma medida). Parece-se mais com uma cruzada, um compromisso. Se você não se importa profundamente com o destino do mundo não-humano (uma fé que não exclui o mundo humano, mas que meramente torna cidadãos por igual todas as espécies de vida, como afirmou Leopold<sup>5</sup>), nenhuma arte ou truque pode compensar o que falta a você. (WATKINS, 1997 apud FROME, 2008, p. 75).

No entanto, no mercado atual da imprensa, o engajamento ambiental não é a única preocupação do jornalista que produz o noticiário sobre meio ambiente e que pautará as discussões da sociedade sobre o tema, conforme já discutido neste artigo. A prática diária da produção da notícia – não só da ambiental, mas sobre todos os assuntos – passa pelos desafios das rotinas de produção da notícia, a serem discutidos nos tópicos a seguir.

---

5 Watkins refere-se a Aldo Leonard (1887-1948), ecologista e ambientalista pioneiro norte-americano que exerceu uma grande influência no desenvolvimento da ética ambiental moderna. (N. do T. In FROME, 2008, p. 75)



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/

### **3. A influência das rotinas de produção da notícia segundo as teorias interacionista e estruturalista**

Neste tópico, será apontado como as rotinas de produção da notícia e, mais especificamente, da notícia ambiental, podem influenciar o conteúdo de questões sobre meio ambiente veiculadas pela imprensa.

A teoria interacionista é uma das correntes que estuda essa temática e defende que

[...] os jornalistas, confrontados com a supra-abundância de acontecimentos e a escassez do tempo, lutando para impor ordem no espaço e no tempo, são obrigados a criar o que Tuchman (1973) designa como a rotina do esperado, tendo como consequência, devido a critérios profissionais que utilizam na avaliação das fontes, a dependência nos canais de rotina. (TRAQUINA, 2005, p.195-6)

Traquina (2005) explica que quando fontes e jornalistas integram uma mesma rotina, caracterizando até mesmo uma dependência, a integridade da informação fica em perigo. O autor justifica seu ponto de vista com dois argumentos. O contato pessoal e periódico com as fontes estabelece uma relação de confiança e até simpatia, ficando difícil ao jornalista recusar e mesmo contrariar informações provenientes das mesmas. Outra razão de prejuízo à informação é que “quando os jornalistas ficam dependentes das fontes podem ficar orientados para a fonte e, assim, ceder à tentação de escrever para a fonte e não para o público” (TRAQUINA, 2005, p. 196).

Em se tratando de fontes oficiais, essa relação de interdependência torna-se ainda simbiótica, onde ambos os agentes são beneficiados pela “troca”, como acrescenta Traquina (2005, p. 196).

Para os jornalistas, os benefícios são: 1) a eficácia; 2) uma maior estabilidade no trabalho; e 3) uma autoridade que valida a notícia. Para as fontes oficiais, os benefícios são: 1) a publicitação de seus atos; 2) possivelmente, uma saliência social; e 3) o reforço da sua legitimidade. (TRAQUINA, 2005, p.196)

Na própria priorização de temas a serem noticiados, especificados a partir de critérios de valor-notícia ou noticiabilidade – presentes diariamente nas rotinas de produção da notícia – as informações provenientes de órgãos governamentais são, muitas vezes, mais valorizadas do que as demais, especialmente quando o fator determinante for o tempo. Quando se tem meia hora para apenas uma entrevista sobre a reciclagem do lixo, dificilmente um catador de materiais recicláveis



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - [enja.com.br/](http://enja.com.br/)



será ouvido. Em seu lugar, o secretário de Meio Ambiente ou qualquer outra fonte oficial será a escolhida.

A teoria interacionista, segundo Traquina (2005, p. 199), aponta que as notícias são aliadas das instituições legitimadas. A própria rotina de produção das notícias, que passa, como já foi explicitado aqui, pelo constante desafio de lidar com a organização do tempo e do espaço, favorece a interação constante entre jornalistas e as fontes oficiais, e essa conexão “faz das notícias uma ferramenta importante do governo e das autoridades estabelecidas (SHUDSON, 1989) e as notícias, em geral, tendem a apoiar as interpretações oficiosas dos acontecimentos controversos” (TRAQUINA, 2005, p.199).

Por se apresentarem como definidores prioritários das informações, as fontes oficiais ou institucionalizadas são chamadas também de *primary definers* ou definidores primários. São essas as fontes que norteiam toda a discussão da informação a partir do seu posicionamento. Segundo a lógica das redações, essa procura vem com a justificativa de dar legitimidade à informação. Pena (2005) lembra que uma pretensa busca pela objetividade também interfere nesse processo. O jornalista acaba se sentindo resguardado quando uma fonte oficial confirma um fato ou um dado. Além disso, as pressões próximas ao fechamento ou *deadline* também privilegiam os definidores primários.

Na hora do fechamento, o jornalista dará preferência a uma fonte que considere avalizada e não se arriscará a perder a reportagem ou reproduzir a opinião de quem não tem um epíteto institucional à frente do nome. E essa fonte fornecerá as primeiras definições sobre o assunto. Ou seja, será o definidor primário (PENA, 2005, p.154-5).

Schudson (2010, p. 216) salienta que os jornalistas usam esta estratégia para se defender de erros e críticas, isso porque utilizando uma fonte oficial, diminui o grau de responsabilidade do repórter frente às informações divulgadas. Schudson cita que tal explicação foi amplamente estudada por Tuchman (1972, p. 660), que chegou à conclusão que os jornalistas se dispõem a vestir esta camisa de força para evitar os erros e, conseqüentemente, manter seus empregos e carreiras.

Quando tratamos da notícia ambiental, esse aspecto torna-se ainda mais evidente. A escolha viciada das fontes influencia diretamente no conteúdo da notícia sobre meio ambiente e, além das fontes oficiais da esfera política, ainda ficam evidenciadas as fontes chamadas especialistas ou



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - [enja.com.br/](http://enja.com.br/)



científicas. Wilson Bueno (2008) escreveu sobre as Síndromes do Jornalismo Ambiental Brasileiro e, dentre elas, destacamos a “lattelização das fontes”.

[...] o Jornalismo Ambiental tem priorizado (ou, o que é mais dramático, se reduzido a) fontes que dispõem de currículo acadêmico, produtores de conhecimento especializado e que, muitas vezes têm, por viés do olhar ou em muitos casos por má índole, se tornado cúmplices de corporações multinacionais que pregam o monopólio das sementes ou fazem a apologia dos insumos químicos ou agrotóxicos, cinicamente chamados de defensivos agrícolas. O protagonismo no jornalismo ambiental, como de resto em qualquer campo do jornalismo, não se limita ao pesquisador ou ao cientista, mas inclui, obrigatoriamente, os que estão fora dos muros da Academia (muitas vezes excluídos em virtude de uma situação social injusta), como o povo da floresta, o agricultor familiar, o cidadão da rua. (BUENO, 2008, p. 113-114).

Jorge Pedro Sousa (2008), em estudo sobre o mesmo tema, menciona que o campo jornalístico sobre o tema ambiental também é permeável à ação dos promotores de notícias, “sejam ou não fontes oficiais, cujos recursos e habilidades, mas também cujas especialidades, capacidades e representatividade, podem rotinizar o seu acesso à mídia, levando-os a adquirir um determinado peso e um certo capital simbólico no espaço público” (SOUSA, 2008, p. 85). Neste grupo estão ativistas e organizações de ambientalistas que buscam, através de ações que chamam a atenção do público – e da mídia – inserir um determinado tema na agenda de discussões. Estas organizações, inclusivamente, estão cada vez mais profissionalizadas e sofisticadas e são capazes, também elas, de desenvolverem campanhas que atraem os media, o que concorre para lançar e manter os problemas ambientais na agenda pública (SOUSA, 2008, p. 85).

A partir da base teórica apontada, no tópico a seguir serão apresentadas as evidências de como o jornalismo online mato-grossense privilegia as fontes oficiais e especializadas na notícia ambiental.

#### **4. Análise**

Para verificar de que maneira é realizada a cobertura jornalística sobre meio ambiente por sites e portais noticiosos do estado de Mato Grosso, a pesquisa se desenvolveu em três momentos. O primeiro consistiu na captação diária das matérias sobre meio ambiente em quatro dos mais importantes e acessados sites de notícia de Mato Grosso: Olhar Direto



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - [enja.com.br/](http://enja.com.br/)



(<http://www.olhardireto.com.br>), Folha do Estado (<http://www.folhadoestado.com.br>), Diário de Cuiabá (<http://www.diariodecuiaba.com.br>) e Gazeta Digital (<http://www.gazetadigital.com.br>). A fase de coleta das informações levou quatro meses, de setembro a dezembro de 2014. Depois, foi realizada a tabulação dos dados coletados e a terceira etapa consistiu na análise destes dados. As duas últimas fases contaram com as técnicas e etapas da análise de conteúdo.

Ao longo dos quatro meses de coleta de material, 126 notícias sobre meio ambiente foram mapeadas nos quatro sites pesquisados. A partir das técnicas de análise de conteúdo, essas notícias foram tabuladas em nove categorias de análise. São elas:

- a) Presença de chamada da notícia na capa (página inicial) dos sites: como manchete ou como chamada secundária;
- b) Dias da semana em que foram publicadas;
- c) Ferramentas multimídia características do jornalismo online utilizadas na matéria: texto, foto, vídeo, áudio, links/hiperlinks, newsgames, infográficos, slideshows;
- d) Ferramentas de interatividade para participação do leitor: botões de compartilhamento em redes sociais, possibilidade de escrever comentários;
- e) Âmbito da matéria: local, regional, nacional ou internacional;
- f) Editoria em que a matéria foi publicada;
- g) Bioma a que está relacionada: Pantanal, Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica ou Caatinga;
- h) Fontes utilizadas em cada notícia: número de fontes e tipo de fontes ouvidas (oficial, especialista ou cidadãos comuns);
- i) Temas mais comuns abordados nas notícias.

Aqui evidenciaremos a análise com relação à oitava categoria, que diz respeito às fontes utilizadas nas notícias. As fontes das notícias mapeadas foram classificadas segundo as categorizações de Lage (2008) e Schmitz (2011). No mapeamento, de acordo com a classificação de grupos, foram identificadas três tipos de fontes: oficial, especialista ou *expert* e popular ou independente.

Segundo Lage (2008, p. 63), "fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservem algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por





20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/

empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc". Já as fontes especialistas, que Lage (2008) também nomeia como *experts*, são procuradas para interpretar temas ou eventos.

Trata-se de pessoa de notório saber específico (especialista, perito, intelectual) ou organização detentora de um conhecimento reconhecido. Normalmente está relacionada a uma profissão, especialidade ou área de atuação. Tem a capacidade de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos (SCHMITZ, 2011 p. 26).

O terceiro tipo de fonte encontrada no mapeamento foi a popular ou independente. Para Schmitz, a fonte popular "manifesta-se por si mesmo, geralmente uma pessoa comum, que não fala por uma organização ou grupo social" (SCHMITZ, 2011, p. 25). Essas fontes são consideradas por Lage independentes porque "são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso" (LAGE, 2008, p. 63).

Nos quatro meses de coleta de material, foram publicadas 126 matérias com temática ambiental nos sites pesquisados, sendo 66 na Gazeta Digital, 33 no Olhar Direto, 17 no Diário de Cuiabá e 10 na Folha do Estado. O primeiro dado que chama a atenção com relação às fontes é que das 126 notícias mapeadas, 59 só se utilizaram de uma fonte para a matéria. Já em 41 matérias, duas fontes foram ouvidas. Apenas em 26 das notícias mapeadas foram consultadas ou entrevistadas três fontes ou mais.

Em 81 matérias, pelo menos uma fonte oficial foi ouvida. Em 18 delas, foram utilizadas duas fontes, sendo um especialista e uma fonte oficial. A população só foi fonte em cinco matérias analisadas.

O site Gazeta Digital foi o que publicou mais matérias com fontes oficiais: 47. O Olhar Direto vem em segundo lugar, com 19 matérias publicadas com a consulta somente a fontes oficiais. No período analisado, foram 16 matérias sobre a crise hídrica, 10 sobre desmatamento, 7 sobre enchentes. Nas notícias sobre esses três temas principais, as fontes oficiais foram consultadas em quase todas as matérias. Foram ouvidos, em sua maioria, promotores de justiça e delegados (quando o desmatamento incorreu em crime ambiental) e secretários de Meio Ambiente ou assessores da área ligados ao Estado de Mato Grosso ou a municípios.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - [enpja.com.br/](http://enpja.com.br/)



Duas matérias são exemplos de como os jornalistas ignoraram a importância da consulta a fontes consideradas populares ou independentes. A notícia “Famílias prejudicadas por Manso fazem manifesto”, publicada pelo site da Gazeta Digital em setembro de 2014 trata sobre um manifesto realizado por um grupo de famílias que há 12 anos cobram indenizações que seriam pagas depois da desapropriação de uma área para a construção da Usina Hidrelétrica de Manso. Nenhum representante dos manifestantes é entrevistado na notícia.

O mesmo acontece na notícia “Nova ameaça ronda o Pantanal”, também publicada pela Gazeta Online em setembro de 2014. A matéria trata sobre a mudança na legislação ambiental que poderia prejudicar o bioma Pantanal para que fossem cultivadas áreas maiores para pastagens. Três especialistas (pesquisadores e acadêmicos) são entrevistados na notícia, que também conta com uma nota da Embrapa Pantanal. Embora o texto cite o dilema que sofrem os pantaneiros, nenhum representante da população do Pantanal aparece na matéria.

Em uma questão como esta, caberia ao jornalista ambiental relativizar as informações provenientes destas diferentes fontes, contrapô-las e buscar outros dados que pudessem oferecer ao público um amplo cenário sobre o tema discutido na matéria. Porém, como já colocado neste artigo, nem sempre as rotinas de produção da notícia, em especial no que se refere à *deadline*, permitem que essa reflexão e análises sejam feitas. O jornalista acaba por evidenciar na matéria a informação da fonte que lhe parece mais crível, com a qual já estabeleceu certa confiança e que, salvo exceções, não lhe trará problemas. Assim como em outras áreas do jornalismo, o profissional que cobre meio ambiente vive diariamente as tensões entre diferentes fontes que buscam destaque no agendamento midiático das questões que defendem.

Assim, e tal como diz Luísa Schmidt (2003:86), quando o assunto é ambiente, há muitas e diversificadas fontes com acesso rotineiro aos mídia. Essas fontes competem entre si, tentando estabelecer relações de força e adquirir poder simbólico que lhes sejam favoráveis no seio do espaço público. Entre elas incluem-se as associações ecologistas, os políticos, os cientistas, a administração pública e mesmo determinadas personalidades de elite. [...] Pode, então, concluir-se que, em matéria ambiental, conforme nota Schmidt (2003: 89), na linha de autores como Santos (1997), as diferentes fontes ambientais por vezes competem entre si pelo protagonismo e pelo espaço mediático e pelo triunfo dos respectivos enquadramentos na luta simbólica pela definição de sentido para a natureza dos problemas ambientais (SOUSA, 2008, p. 85-86).



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/

A influência das rotinas de produção no conteúdo do noticiário também é tema de discussão dos estudiosos da Teoria Estruturalista. Armand e Michèle Mattelart (2005, p. 86) lembram que foram os três cursos de lingüística que Ferdinand de Saussure ministrou entre 1906 e 1911 na Universidade de Genebra que ficaram conhecidos como as bases para essa teoria. Barros (1998, p. 46) enfatiza que “é no universo da lingüística que o modelo estruturalista acabou sendo melhor assimilado e mais difundido”. A partir das bases da semiologia de Saussure, Claude Lévi-Strauss desenvolveu a proposta de pensar e fazer ciência com base na “estrutura” (BARROS, 1998, p. 46). Outros estudiosos ampliaram o campo de estudo da análise estruturalista da linguagem, com destaque para as obras de Roland Barthes.

No entanto, o estruturalismo não ficou restrito ao âmbito dos estudos da lingüística. “O estruturalismo estende as hipóteses de uma escola lingüística a outras disciplinas das ciências humanas (antropologia, história, literatura, psicanálise” (MATTELART, 2005, p. 86). Além da linguagem, no âmbito da comunicação – e, mais especificamente, do jornalismo –, os estudos também passaram a dar enfoque na estrutura de produção da notícia, que vai além dos aspectos da mensagem em si, mas que também consideram a construção da notícia no âmbito sociológico. Traquina (2005, p. 175) ressalta que a teoria estruturalista, no âmbito dos estudos da comunicação, é uma teoria macrossociológica, que assim como a teoria da ação política, evidencia o papel dos *media* na reprodução da ideologia dominante. “Mas ao contrário da teoria de ação política, a teoria estruturalista reconhece a ‘autonomia relativa’ dos jornalistas em relação a um controle econômico direto” (TRAQUINA, 2005, p. 175).

Segundo Wolf (2005), que se refere a essa teoria como estrutural-funcionalista, essa teoria sociológica

[...] salienta a ação social (e não o comportamento) na sua aderência aos modelos de valor, interiorizados e institucionalizados. O sistema social no seu conjunto é compreendido como um organismo, cujas diversas partes desenvolvem funções de integração e de conservação do sistema. O seu equilíbrio e a sua estabilidade realizam-se por meio das relações funcionais que os indivíduos e os subsistemas ativam em seu complexo (WOLF, 2005, p. 52).

Sousa (2006), ao fazer uma breve definição sobre a teoria estruturalista, também ressalta que sob a ótica desta corrente, as notícias são um produto socialmente construído, acrescentando que esse produto reproduz uma ideologia dominante e legitima o *status quo*, já que

[...] os jornalistas e os órgãos de comunicação social têm uma reduzida margem de autonomia, pertencem a uma cultura rotinizada e burocratizada e estão sujeitos ao controle da classe dominante, proprietária dos meios de comunicação, que vincula os media às suas (primeiras) definições dos acontecimentos (SOUSA, 2006, p. 237).

Traquina (2005), ao citar autores como Stuart Hall, acrescenta que a notícia, enquanto produto social, resulta de vários fatores. Dentre eles, ressalta três:

- A) a organização burocrática dos *media*;
- B) a estrutura dos valores-notícia (a ideia do ‘fora do normal’, do negativo, das pessoas de elite) que constituem o “elemento fundamental da socialização” e a prática e a ideologia profissional dos jornalistas;
- C) o próprio momento de “construção” da notícia que envolve um processo de “identificação e contextualização” em que “mapas” culturais do mundo social são utilizados na organização. Esta ênfase no papel da cultura sublinha o fato de que a teoria estruturalista valoriza uma perspectiva culturalista. (TRAQUINA, 2005, p. 175-176)

No caso da notícia sobre meio ambiente, além da estrutura burocrática dos meios de comunicação (que ocasionam as rotinas de produção da notícia), o segundo fator apontado por Traquina é determinante. O valor-notícia mais levado em conta é o negativo, enfatizado por critérios de noticiabilidade que são a tragédia ou o desastre ambiental. Este fator leva ao terceiro, que é a cultura da construção da notícia deste tipo, permeada mais por dramas e reportagens de interesse humano do que por matérias embasadas nas causas e conseqüências de tais desastres, ou ainda apontando para soluções sistêmicas do problema ambiental – já que neste setor, nenhuma solução tomada em caráter emergencial ou isolada surtirá efeito ou garantirá que novas tragédias não aconteçam. É o caso das anuais enchentes nas grandes cidades brasileiras durante o verão.

Esta questão abre margem para uma discussão mais específica sobre o trabalho do jornalista nas rotinas de produção da notícia. Jorge Pedro Sousa (2002) discute profundamente as influências sobre a produção da notícia em sua obra *Teorias da Notícia e do Jornalismo*, que utiliza como base principal os estudos de Michael Schudson, Pamela Shoemaker e Stephen Reese.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/

Sousa (2002, p. 16) sistematiza em níveis o que ele chama de teoria da notícia ou *newsmaking*. O autor ressalta que esses níveis devem ser observados como “interdependentes, integrados, interatuantes e sem fronteiras rígidas”. São eles:

- 1) Ação pessoal – as notícias resultam parcialmente das pessoas e as suas intenções, da capacidade pessoal dos seus autores e atores;
- 2) Ação social – as notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social, particularmente do meio organizacional em que foram construídas e fabricadas;
- 3) Ação ideológica – as notícias são originadas por forças de interesse que dão coesão aos grupos, seja esse interesse consciente e assumido ou não;
- 4) Ação cultural – as notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condicionam, quer as perspectivas que se têm do mundo, quer a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência);
- 5) Ação do meio físico e tecnológico – as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos que são usados no seu processo de fabrico e do meio físico em que são produzidas;
- 6) Ação histórica – as notícias são um produto da história, durante a qual interagiram as restantes cinco forças que informam as notícias que temos (ação pessoal, social, ideológica, cultural e físico-tecnológica) (SOUSA, 2002, p. 16).

Embora entendamos que todos os níveis influenciam e contribuem para o processo de construção da notícia, destacaremos aqui a ação social e a ação ideológica por estes serem os níveis em que há a maior influência na construção da notícia ambiental.

Entendemos aqui rotinas de produção segundo a definição de Sousa (2002, p. 49):

As rotinas, enquanto padrões comportamentais estabelecidos, são, entre os processos de fabrico da informação jornalística, os procedimentos que, sem grandes sobressaltos ou complicações, asseguram ao jornalista, sob a pressão do tempo, um fluxo constante e seguro de notícias e uma rápida transformação do acontecimento em notícia. (SOUSA, 2002, p. 49)

Dentre os padrões comportamentais citados por Sousa é preciso observar que os meios de comunicação desenvolveram uma grande dependência dos canais de rotina (conferências de imprensa, tribunais, agências noticiosas e *releases*), estudados dentro do nível da ação.

Esta dependência dos canais de rotina, como afirma Sousa (2002, p. 51-60), acaba por institucionalizar determinadas fontes, especialmente as que contam com serviços profissionais de assessorias de imprensa, organizações que têm um horário de funcionamento que muitas vezes coincide com o das redações e possuem equipas de assessores em tempo integral e que podem ser facilmente contactadas.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - [enja.com.br/](http://enja.com.br/)



Sousa (2002, p. 51-52) afirma que as rotinas transformaram-se em um poderoso inimigo da abertura democrática e polifônica dos órgãos jornalísticos ao público em geral. Ele aponta como uma das razões

A utilização rotineira de fontes “oficiais”, podendo explicar-se porque essas fontes têm capacidade para fornecer regular e convenientemente informação autorizada e clara que poupa aos jornalistas os inconvenientes das investigações em profundidade e da recorrência a especialistas para descodificação, facilitando a manipulação (SOUSA, 2002, p. 52).

Sousa (2002, p. 60) argumenta ainda que a utilização dos canais de rotina acabou por tornar o espaço público jornalístico em “um espaço tendencialmente ocupado por meia dúzia de protagonistas” (SOUSA, 2002, p. 60), estes, em sua maioria, integrantes de grupos de pressão, que Sousa chama de “senhores da economia e agentes de relações públicas”, fontes interessadas na divulgação de determinadas ideias e fatos ou simplesmente na ocultação de outros.

Neste ponto, fica claro que o processo do *newsmaking*, em especial no nível da ação social, facilita que as fontes oficiais sejam ouvidas e suas informações transcritas sem muito questionamento pelos meios de comunicação, assim como também aponta a teoria interacionista.

## 5. Conclusão

É ponto pacífico que o planeta tem passado por mudanças – a maioria delas por ação humana – que têm colocado em dúvida a permanência do ser humano na Terra. São transformações ambientais que atingem, universalmente e sem exceções, a todos os seres humanos.

O jornalismo ambiental pode e precisa ser agente catalisador de outra mudança: a conscientização da população para uma vida sustentável. No entanto, a notícia ambiental, atualmente, tem sido relegada a cadernos secundários dos jornais ou assuntos de segunda ordem no rádio ou na TV. As manchetes sobre o tema têm aparecido, na maioria das vezes, depois de tragédias ambientais de grandes proporções, sem o devido aprofundamento das causas e conseqüências daqueles fatos. Na internet, as discussões são mais aprofundadas, mas quase sempre restritas a grupos específicos e pequenos. Logo, o agendamento da notícia ambiental em grandes proporções é raro, exceto em casos de desastres ou de eventos políticos mundiais sobre o tema.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - enpja.com.br/

Não há projeto milagroso que salvará o planeta. A mudança necessária é na educação, na atitude de cada um. São mudanças que, com base em informações responsáveis, que demonstrem um desenvolvimento sustentável sistêmico, podem ser iniciadas em pequenas proporções, em comunidades pequenas, dentro das casas, das escolas, das empresas, das instituições. Juntas, essas pequenas ações poderão atingir mudanças significativas. E ainda não se descobriu nada melhor que a comunicação para promover essa transformação.

Mas se os problemas ambientais são urgentes e precisam da atenção de todos, por que não existe espaço para discussão popular sobre temas relacionados ao meio ambiente? Uma das hipóteses é de que a mídia tem o poder de pautar sobre o que a sociedade discute. E se a mídia divulga apenas notícias sobre o aquecimento global, o derretimento das geleiras, a elevação do nível dos oceanos, as mudanças climáticas, a escassez de recursos naturais e o consumo descontrolado, sem explicar os fatos e oferecer informações que promovam a conscientização ambiental, dificilmente serão discutidas maneiras de mudar hábitos e reavaliar conceitos ambientais.

Embora as rotinas de produção da notícia, como foi demonstrado neste artigo, estejam comprometendo a notícia de caráter ambiental que possa ser engajada e provocar a mudança de hábitos, os teóricos do Estruturalismo lembram que o jornalista tem uma relativa liberdade em seu trabalho. A estrutura burocrática dos meios de comunicação, aliada a interesses empresariais e políticos influenciam diretamente na produção da notícia. Mas é na construção social da notícia ambiental em que o jornalista pode agir, buscando fontes mais diversas, apontando caminhos para uma visão sistêmica e mais geral do meio ambiente. A pauta ambiental permeia todas as editoriais, da economia a matérias policiais, basta que os profissionais da imprensa passem a ver o meio ambiente como mais que florestas e animais. As cidades integram o meio ambiente e os seres humanos também. Quando essa visão sistêmica da sustentabilidade permear o noticiário diário, o jornalismo ambiental poderá atingir um dos seus objetivos, que é tornar a conscientização ambiental e a mudança de atitudes não só uma discussão fundamental na agenda midiática, mas também na agenda pública de discussões.



20 de outubro de 2015 – São Paulo – SP - [enja.com.br/](http://enja.com.br/)



## Referências

BARROS, Laan Mendes de. **Texto e Contexto: A presença do Estruturalismo nos Estudos de Recepção**. In: **Nexos**. São Paulo, v.2, n.1, p.43-50, jun.1998.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (org.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 2008.

DORNELLES, Beatriz. **O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental**. Brazilian Journalism Research. v. 4, n. 2, 2008. p. 121-131. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/index.php/bjr/article/view/167>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

FROME, Michael. **Green Ink: uma introdução ao jornalismo ambiental**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SCHMITZ, Alto Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. 2 ed. Porto: BOCC, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica. In: MELO, José Marques (org.). **Mídia, ecologia e sociedade**. São Paulo: Intercom, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **Objective as Strategic Ritual: An Examination of Newsmen's Notions of Objectivity**. The American Journal of Sociology, Vol. 77, nº. 4, Jan. 1972, pp. 660-679. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2776752>>. Acesso em: 11 dez. 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.